

Rita Maria de Abreu Maia

Ler é compreender a vida e descobrir a sua obscura linguagem

Puchkin

Resumo

Este artigo é uma reflexão sobre as relações entre a leitura e o conhecimento nas diversas áreas do saber e ressalta o papel do professor como promotor de leitura e formador de leitores.

Convido vocês, colegas que somos, a pensar comigo nas relações prováveis entre leitura e conhecimento. Recorro, *a priori*, à etimologia da palavra *colega*. Palavra latina, cujo sentido originário esbarra em gênese obscura. Para uns, poderia ter sido um composto de *co + legere* (*aquele que lê junto com*) ou ser um composto de *co + lex, legis* (o que segue as mesmas leis que sigo). As explicações, certamente portadoras de alguma retórica, agradam-me: somos colegas não apenas porque acreditamos que ler é ato de parceria ao estabelecer interação com o leitor e interlocução com o autor e com o mundo. Somos colegas porque queremos discutir caminhos, trilhas, indicadores de que a vida pode ser compreendida e sua obscura linguagem pode ser iluminada quando a leitura se faz exercício contínuo, alimento intelectual.

Esta é crença de leitor. Esta é lei para quem é leitor com o outro e quer fazer o outro acreditar que o ato de ler é janela para o mundo e passagem para se estar no mundo com mais criticidade e liberdade. Nossa presença aqui se sustenta nestas certezas.

Já situada no coleguismo que nos une, sigo adiante com mais desembaraço para tentar encontrar os fios de embaraçada meada que trançaram estes dois substantivos: leitura e conhecimento. Devo entendê-los refletindo *na* ou *sobre* a relação entre leitura e

conhecimento? Ou o correto seria pensar a relação *entre* os dois substantivos? No ludismo das palavras, não as percebo mais como elementos paralelos a serem relacionados. Vejo entre eles um termo aditivo.

Começo a interpretá-los, então, como vocábulos significativos que, juntos, são ou promovem outro fato. O que são leituras e conhecimento em nossas vidas? O que fazem em nossa existência? São indagações que surgem... Posso, entretanto, alterar a relação de coordenação que une os substantivos estabelecendo uma relação de igualdade - leitura é conhecimento. Insisto, mais uma vez, em me inquietar e problematizo a afirmação: Leitura é conhecimento? Conhecimento é também leitura? Embaraço-me cada vez mais nesse novelo e recorro-me de José Saramago (1993) em *História do cerco de Lisboa*, quando avisa a seu leitor que a experiência tem demonstrado que *cada palavra é um perigoso aprendiz de feiticeiro*. E estou me envolvendo facilmente em seus feitiços. Continuo, por isso, minhas especulações sempre problematizadoras, nunca propondo solução.

Desfio, agora, o múltiplo e mágico tecido de significação que a palavra *leitura* possui em nossos dias. Numa acepção mais ampla, o termo leitura tem sido entendido como "atribuição de sentidos" e tanto pode ser utilizado para o discurso escrito quanto para o oral. Outro de seus sentidos relaciona-se à concepção que se tem sobre algo, que refletirá valores e ideologia de quem lê. Este é o sentido que se encontra na expressão freireana (de P. Freire) "leitura do mundo". Há, ainda, o sentido mais acadêmico: fazer a

leitura de uma obra que nos remete à idéia de interpretação possível. Finalmente, temos o sentido mais restrito: leitura como aprendizagem formal, aquisição da capacidade de entender os signos lingüísticos.

Qual ou quais desses sentidos de leitura devemos tomar para tornar a relação entre leitura e conhecimento uma via de mão dupla? Haveria somente uma concepção que melhor explicaria esse trânsito?

Voltemos às concepções citadas. Ler é atribuir sentido; é ter concepção formulada sobre algo; é propor interpretação para uma obra; é decodificação de signos lingüísticos. todos estes sentidos são *poeira cósmica* em órbita numa *galáxia pulsante* que é o reino do conhecimento. A leitura torna-se conhecimento - sabedoria - quando o leitor é capaz de recolher poeiras flutuantes - palavras - no universo da vida e transformá-las em saberes. A leitura faz-se conhecimento quando, além de compreender, interpreta-se. Além de interpretar, concebe e elabora conceitos sobre o que leu. Além de conceituar, atribuem-se sentidos.

O conhecimento, então, é um processo, um *continuum*, que encontra na leitura estímulo fecundo. Como não há estação de chegada nesta viagem, não há, por conseguinte, o grau dez. Em contrapartida, também não há o grau zero.

Todo leitor traz sua bagagem de conhecimento para a travessia a que acrescenta novos saberes.

E conhecimento? O que é? Enquanto palavra é também feitiçeira. Opera magias com seus múltiplos sentidos. Penso em alguns deles.

Há conhecimentos que são vividos, experienciados na dor ou na alegria, no físico ou no psíquico. São vivências. Outros vêm da prática, da execução. É o que chamamos de conhecimento empírico ou *a posteriori*, como definiu-o Kant. Aliás, para este pensador, essa era a única forma de aquisição do conhecimento. São experiências. Há, ainda, o

conhecimento que nasce da observação do outro, das coisas e dos fenômenos. São percepções, fruto do gesto de pensar. Finalmente, temos o conhecimento que brota do sentir. São sentimentos. Tais considerações lembram-me as principais funções da consciência descritas por Yung: pensar, sentir, perceber e intuir. São saberes indispensáveis à compreensão da vida e ao aprendizado de *sua obscura linguagem*. Com eles, toma-se consciência (etimologicamente *saber com*). Sabe-se, portanto, com o pensar, com o sentir, com o perceber, com o intuir.

A Filosofia tem mostrado que o homem possui uma consciência que se volta para buscar incansavelmente a verdade, para descobrir o mundo e transformar a realidade. Daí que a leitura se situa como estímulo à reflexão e à busca de conhecimentos, além de promover prazer e desenvolver a criticidade e a liberdade. Ler leva o sujeito a conhecer mais profundamente a realidade e, por extensão, a posicionar-se criticamente frente a essa realidade.

O ato de ler, citando Ezequiel Teodoro da Silva, é fundamentalmente um ato de conhecimento. *E conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo da natureza e no mundo dos homens, explicando-as* (1992,p.34).

Eis aqui resolvida uma das questões colocadas como ponto de partida: ler para conhecer. Clareia-se, assim, uma das relações entre leitura e conhecimento. Levanto outra provocação: ler para conhecer é questão resolvida, mas é possível também *conhecer para ler*? Na busca da resposta, recorro superficialmente à teoria da informação que entende que toda informação deve jogar com elementos previsíveis e com elementos imprevisíveis ao elaborar uma mensagem. Se a mensagem criada só possui elementos previsíveis, ela não informa absolutamente nada. A informação é zero e fica-se no lugar comum. Se, ao contrário, trabalha apenas com elementos imprevisíveis, torna-se hermético e, portanto, nada informa. Assim, para que

haja interlocução entre texto/leitor é necessário equilíbrio entre a taxa de previsibilidade e de imprevisibilidade. Dessa forma, creio que para uma leitura frutífera, faz-se necessário que o leitor conheça alguns dos elementos utilizados no texto. Sem o domínio, por exemplo, do código ou do universo vocabular, ou das condições de produção do texto, dificulta-se a criação de leituras. Neste sentido, considera-se a questão do *conhecer para ler*.

Quando instigado a responder à questão: Por que ler? o professor Ezequiel Theodoro seleciona três categorias básicas para as várias leituras que fazemos, realçando que, obviamente não são categorias estanques: a leitura de informação, a de conhecimento e a de prazer.

A leitura informacional, segundo ele, mantém o sujeito informado, dirige sua consciência para os escritos que funcionam como *difusores rápidos de informações*. Situam-se aí as leituras de jornais, revistas. Essa leitura coloca-nos em diálogo constante com a sociedade e abre-nos à reflexão sobre os fatos sociais e políticos.

A leitura de conhecimento corresponde às que nos colocam em estudo permanente de acordo com a nossa área de atuação, enquanto que a leitura de prazer estético conduz à obra literária que alimenta a consciência de quem lê, levando-o aos mais diversos conhecimentos. A literatura é um saber de muitos saberes, já nos disse R. Barthes e, sem dúvida, nela encontramos transporte para o reino da sabedoria.

Todas estas categorias são formas de aquisição de saber que nos conduzem à maior consciência da vida. E consciência, já o dissemos, é *saber com*. Sabe-se com a informação, sabe-se com o estudo, sabe-se com a arte. E penso que só se tem saber quando se sabe com o outro, quando se tem consciência de nossa alteridade. Quem lê apenas para si, não é colega na leitura, nada transforma. É necessário que palavra e realidade estejam unidas na interação da

leitura, como nos ensinou Paulo Freire durante sua admirável trajetória de educador. É preciso ler e fazer. Plantar ações. *Ler a realidade, fazer o acontecimento, mudar a circunstância* (SILVA, 1995).

Doravante, impõe-se mais uma questão: a do saber-fazer. As previsões para o 3º Milênio apontam para a aquisição do conhecimento como um bem inestimável, tornando-se a mola mestra para a equidade social de que tanto necessitamos. Mas para isso, deverá estar associado ao fazer, à competência para o desempenho.

Nós, professores, somos ou deveríamos ser sedutores de leitores, especialmente os que disciplinam as chamadas ciências humanas. A nós, compete uma tarefa a mais - a de *saber-fazer-saber* (não é à toa que a feira da ETF Campos foi assim nomeada), descobrindo leituras e leitores, abrindo portas para o prazer do texto. Na aventura do ler, uma viagem ao conhecimento. Multiplicar leitores, construir saberes. E nessa interação e interlocução com o companheiro de viagem, vale citar mais uma vez Barthes: *nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria e o máximo sabor possível* (1989, p.37).

Profissional de leitura sem consciência do saber-fazer-saber está experienciando o simulacro da leitura. Lê sobre o jovem, lê sobre o livro, lê sobre a escola, lê sobre a sociedade, lê sobre o outro. Não lê o jovem, a escola, o outro, o mundo... A interlocução esvazia-se e a leitura perde o sabor de sabedoria porque deixa de ser compreensão profunda e objetiva do contexto humano.

Como o maior espaço de desenvolvimento para leituras é a escola, é de sua responsabilidade não fracassar nessa tarefa para não provocar morte de leitores. Qualificá-los e capacitá-los é garantir-lhes acesso ao saber.

Antes de concluir, gostaria de desvelar meu trabalho com o texto. Todo este movimento de construção/desconstrução da palavra, o ludismo com sua significação, problematizar afirmações são meu jeito de

descobrir sentidos e construir leituras. Este meu texto constitui assim como a revelação de um método, procedimento de leitura. A palavra assusta-me, depois inquieta-me, desafia-me. Para dialogar com ela e enfrentar meus medos, como a *Chapeuzinho amarelo* de Chico Buarque, faço-lhe perguntas, desloco-a, coloco-a novamente em cena. Quem não faz perguntas, não encontra respostas. Não permitir perguntas, aliás, tem sido o grande equívoco das relações com crianças e jovens sempre sustentadas pelo discurso autoritário. Quem pergunta desconstrói um saber institucionalizado, alheio, muitas vezes, à realidade e à curiosidade. Quem promove leitores precisa de incentivar a curiosidade e de permitir que o "menino maluquinho", que habita em cada criança, possa circular no território de sua infância.

Já que acabei por adotar a metonímia do "maluquinho", acompanho-o, agora, em sua angustiada trajetória de adolescente no *Menino quadrado*, de Ziraldo, e valho-me de suas auto-descobertas para encerrar.

Leitura é conhecimento quando se faz espaço de interlocução entre o menino maluquinho que habita em cada criança e o menino quadrado que se assusta com a passagem do tempo e da transferência do território da infância para a terra dos homens. Assim deve ser o trabalho com a leitura: momento de descoberta e de encontro do leitor com sua própria linguagem; passagem para a autonomia de pensamento.

O menino maluquinho não pôde segurar o tempo, embora *soubesse transá-lo como um milagre*. Porém não se tornou quadrado porque se fez dono de sua palavra, encontrou sua própria expressão, senhor de seus pensamentos. Menino respeitado pôde viver o seu etc - *que é tudo o que vem depois, tudo que está além*. É o futuro.

Incentivar a leitura sem dirigir as respostas é permitir que o leitor viva o *etc* de sua história, permitir-lhe a fala, libertar-lhe a palavra, provocar-lhe a pergunta, propiciar-

lhe a descoberta, fazer saber.

A nossa ação, como promotores de leitura, implica facilitar as descobertas do mundo, conscientes de que não se ensina a interpretar, mas entender o mundo das palavras como objeto simbólico associado ao imaginário, tratando a questão da interpretação no próprio sujeito que fala. Não há técnica para interpretação, mas compreensão de como os sentidos são produzidos. Só, então, ler é conhecer.

Referências bibliográficas

- [1] BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1989.
 - [2] FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortês Ed., 1992, 34ª edição.
 - [3] HOLANDA, Chico Buarque. *Chapeuzinho amarelo*. São Paulo: Ed.: Berlindes, 1981.
 - [4] SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
 - [5] SILVA, Ezequiel Theodoro. *A produção da leitura na Escola*. col.: Educação e ação, São Paulo: Ed. Ática, 1992.
- _____. Conferência proferida no X COLE. Campinas: UNICAMP, 1995.